

A Memória e a Experiência no Museu da Maré: Uma Narrativa de Resistência

Memory and Experience at the Maré Museum: A Narrative of Resistance

Luciana Mendes dos Santos¹

¹ Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em História do Tempo Presente da Universidade do Estado de Santa Catarina (PPGH/UDESC - SC), Brasil. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. E-mail: lucianadsmendes@gmail.com.

RESUMO

O Museu da Maré foi inaugurado em 2006 no Complexo da Maré, o maior complexo de favelas do Rio de Janeiro. O presente artigo pretende discutir a rearticulação da memória como uma ação de resistência da comunidade, efetivada pela exposição de inauguração do museu chamada “Os Tempos da Maré”, e da ação do CEASM como um movimento social que encontrou no campo de disputas da memória um espaço de valorização da comunidade e uma forma de luta contra o esquecimento de suas histórias, reabrindo um passado para novas narrativas que valorizam a experiência social da comunidade e iluminam o presente com novas possibilidades, ressignificando os símbolos da favela. Para essa discussão serão articulados os conceitos de memória e experiência trabalhados pelos autores Huyssen (2000) e Benjamin (1987).

Palavras-chave: Memória; Resistência, Experiência, Narrativa.

ABSTRACT

The Maré Museum was opened in 2006 in the “*Complexo da Maré*”, the largest complex of *favelas* of Rio de Janeiro. This article intends to discuss the rearticulation of memory as a community of resistance action, effected by opening exhibition of the museum called “*Os Tempos da Maré*”, and CEASM action of a social movement that found in the memory disputes a space for community valorization and a way of fighting against the forgetting of their stories, reopening a past for new narratives that value the community's social experience and illuminate the present with new possibilities, giving new meaning to the symbols of the *favela*. For this discussion will focus the concept of memory and experience worked out by the authors Huyssen (2000) and Benjamin (1987).

Keywords: Memory; Resistance; Experience; Narrative.

O Museu da Maré: Construção coletiva da memória

O Museu da Maré foi inaugurado no maior complexo de favelas da cidade do Rio de Janeiro em 8 de maio de 2006. Suas ações buscaram reabrir o passado da comunidade para outras possibilidades, questionando o discurso da mídia, restrito às marcas da violência; o discurso das instituições de memória, caracterizado pelas exclusões; e o discurso dos valores da sociedade, reiterado no estigma do povo da favela; reorganizando a ordem simbólica através dos seus bens culturais e destacando a experiência social da comunidade como expressão de identidade. O objetivo desse artigo é discutir as experiências e os usos da memória presentes em uma instituição que não segue o destino dos museus considerados tradicionais, constituídos no reconhecimento do modelo monumental, com exposições pensadas pelas chaves da raridade, da autenticidade ou do luxuoso, com objetos encerrados em grandes palácios ou modernos edifícios, narrando a história das classes dominantes em sua marcha para o progresso.

Pretende-se, outrossim, refletir sobre as ações dos integrantes do Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré (CEASM), um movimento social que encontrou no campo de disputas da memória uma forma de luta contra o esquecimento de suas histórias e um espaço de valorização dos que vivem na comunidade, além de discutir a rearticulação da memória e das experiências como uma ação de resistência efetivada na exposição de inauguração do museu, intitulada “Os 12 Tempos da Maré”. A efetivação dessas ações viabilizou outras narrativas para o passado no Museu da Maré, iluminando o presente com novas possibilidades e atribuindo novos significados aos símbolos da região.

Para esta análise, serão utilizados como fonte os textos produzidos por agentes que participaram do processo de implantação do Museu da Maré, as notícias de jornais que anunciaram a inauguração da exposição “Os 12 Tempos

da Maré”, além dos textos que compõem a exposição, e como suportes teóricos serão empregados o conceito de memória, discutido por Andreas Huyssen (2000), e os conceitos de experiência e história desenvolvidos por Walter Benjamin (1987).

Um possível histórico

Para Sader (1988, p. 198-199), a pluralidade presente nos movimentos sociais após a década de 1970, não denotou uma compartimentação dessas ações em classes ou camadas sociais, e sim uma diversificação nas formas de expressão das experiências vividas por estes grupos. Para o autor, apesar das influências externas na formação política, esses movimentos sociais produziram um novo sujeito coletivo que não está necessariamente ligado a organizações ou instituições oficializadas como espaços políticos, como sindicatos e partidos políticos: eles elaboraram novos lugares para o exercício da política e novas práticas relacionadas aos interesses destes próprios sujeitos. O CEASM é um representante desse novo sujeito coletivo, que busca a transformação da realidade social da comunidade a partir da elaboração de ações efetivas de valorização das experiências de seus moradores.

A Maré se encontrava em um momento de disputas na década de 1990: enquanto políticos enalteciam ações como “Projeto Rio”² como modelo a ser replicado em outros espaços da Maré, os moradores lutavam para que a comunidade fosse reconhecida como bairro através de projetos de lei que tramitavam na Câmara dos Vereadores do Rio de Janeiro. Segundo Silva (2006), o bairro foi oficializado pela Lei Municipal nº 2.119, de 19 de janeiro de 1994, mas essa decisão, tomada verticalmente e sem a participação efetiva dos

² O “Projeto Rio” foi uma iniciativa de infraestrutura urbana lançada em 1979 que previa, entre outras ações, a remoção dos moradores das casas de palafitas da Favela da Maré na região do Guanabara (FERNANDES; COSTA, 2013, p.126).

moradores, não foi assimilada pela comunidade. O estigma da favela, construído ao longo de um século, não foi superado com a instituição do bairro.

Além disso, na década de 1990, ocorreu o advento das Organizações Não-Governamentais (ONGs) na região. Um levantamento realizado pelo CEASM em 2000, registrou mais de 140 instituições entre organizações governamentais, ONGs, instituições religiosas e associações de moradores. Na comunidade existem 16 associações de moradores correspondentes a cada uma das 16 localidades que formam a Maré, e uma grande associação formada por esses representantes, a União das Associações de Bairro da Maré³. Segundo Pandolfi e Grynszpan (2003), o CEASM é uma das ONGs mais importantes que atuam na região, em virtude de ser uma instituição criada por moradores e ex-moradores locais, e contar com a parceria de agentes e de financiamentos externos, essenciais no processo de manutenção dos projetos e na consolidação de políticas públicas efetivas para a região.

A constituição do Museu da Maré tem seu início na fundação do CEASM. Essa organização não governamental foi criada em 15 de agosto de 1997, por um grupo de moradores e ex-moradores da Maré que decidiram desenvolver ações modificadoras da realidade local através de projetos de educação, de cultura, de geração de renda e de lazer. Segundo Cláudia Rose Ribeiro da Silva (2006), essa instituição trabalhava na perspectiva de apreensão da Maré enquanto uma totalidade, materializada na constituição do bairro, buscando melhorar a qualidade de vida dos moradores e contribuir para a superação das representações estereotipadas da favela que orientam a opinião pública.

³ O Complexo da Maré é formado pelas seguintes comunidades: Morro do Timbau; Baixa do Sapateiro; Conjunto Marcílio Dias; Parque Maré; Parque Rubens Vaz; Parque Roquete Pinto; Parque União; Nova Holanda; Praia de Ramos; Conjunto Esperança; Vila do João; Vila do Pinheiro; Conjunto Pinheiro; Conjunto Bento Ribeiro Dantas; Nova Maré e Salsa e Merengue.

No momento de sua fundação, parte dos integrantes do CEASM eram universitários ou recém-formados, e muitos dos participantes já militavam nos movimentos sociais da região, o que propiciava à instituição uma ligação tanto com as discussões acadêmicas realizadas nos espaços universitários quanto com os problemas enfrentados pela comunidade. Neste artigo, as pesquisas desenvolvidos pelos fundadores do CEASM foram utilizadas como fonte bibliográfica, como a Cláudia Rose Ribeiro da Silva, que nasceu na Maré, se formou em História pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), e é mestra em bens culturais e projetos pela Fundação Getúlio Vargas; e Antônio Carlos Pinto Vieira, que também nasceu na Maré, cursou Direito pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e é mestre em Memória Social pela UERJ. Os dois militavam juntos na Pastoral da Juventude da Igreja Católica desde os anos de 1980.

Alguns diretores da Associação dos Moradores do Morro do Timbau, que integravam o CEASM, viabilizaram a instalação do primeiro núcleo físico na região em 1998. Neste mesmo ano, o CEASM deu início a ações voltadas para a preservação da história local com a Rede Memória da Maré, constituindo um arquivo documental formado por fotografias, documentos e depoimentos gravados em vídeo. Segundo Silva (2006), referindo-se à Rede de Memória e ao jornal comunitário produzido pelo CEASM, chamado “O Cidadão”:

Por meio de projetos como a Rede Memória e O Cidadão, os agentes do CEASM teimam em venerar aquilo que é desprezado no geral pelos enquadradores de uma memória coletiva: as memórias individuais, as lutas, o protagonismo, o patrimônio cultural dos moradores da Maré, e a importância da história desse lugar para a história de toda a cidade. Dessa forma, o bairro da Maré, imaginado pelos agentes do CEASM como possibilidade de superação do estigma, vai sendo por eles inventado, à

medida que novos discursos são criados a partir da realidade local (SILVA, 2006, p. 166-167).

Dois anos depois de sua criação, durante a participação em uma jornada de discussões sobre apropriação cultural organizada pela Fundação Oswaldo Cruz, a Rede Memória da Maré estabeleceu parcerias com pesquisadores da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e com o Museu da República. Essas parcerias resultaram em oficinas realizadas na sede do CEASM sobre temas relacionados à museologia; na organização e inauguração do Arquivo Dona Orosina em 2001; em exposições temporárias com o acervo e na consolidação da ideia da construção de um museu dedicado à história da Maré. O apoio dessas instituições foi importante para estes projetos, possibilitando o conhecimento técnico necessário para fortalecer as ações de valorização da memória empreendidas pelos moradores da Maré e auxiliando no reconhecimento da história da comunidade através de ações de rememoração, da construção de um acervo histórico e da problematização de sua realidade através das narrativas elaboradas pela Maré.

A exposição do Museu da Maré foi realizada através dos recursos do Programa Cultura Viva, quando o projeto foi selecionado no Edital dos Pontos de Cultura em 2005. Produzida pelos moradores da comunidade a partir do acervo formado por doações e empréstimos, com o apoio técnico de agentes do Departamento de Museus do Ministério da Cultura, “Os 12 Tempos da Maré” foi concretizada em uma antiga fábrica cedida em comodato para a CEASM pela empresa Cia Libra de Navegação, onde funcionava Casa de Cultura da Maré desde 2003.

Em 2006, o Museu da Maré foi inaugurado com a presença do Ministro da Cultura, Gilberto Gil, e com ampla cobertura da imprensa, tendo em vista a inovação da proposta: o Museu da Maré se realizou na inversão do centro do

patrimônio para as margens da sociedade, uma mudança de perspectiva no qual os sujeitos, antes condenados ao esquecimento na narrativa monumental, são agora agentes das construções feitas a partir de suas histórias, utilizando a memória como espaço de resistência.

Desde 2013, o Museu convivia com a possibilidade de despejo e a retomada do prédio pela empresa responsável pelo comodato. Essa ação estava sincronizada com o momento político vivido pela Maré, onde a especulação imobiliária e a introdução das Unidades de Polícia Pacificadora (UPP's) adentraram a realidade dos moradores, inaugurando outros tempos na comunidade. Entretanto, em 2019, a instituição completou treze anos de “(re)existência” (MUSEU DA MARÉ, 2009), celebrado com a notícia da doação definitiva do espaço do galpão do Grupo Libra para o CEASM.

A memória e seu lugar

Antes da inauguração do Museu da Maré, o Rio de Janeiro já possuía a experiência de Museus instalados em comunidades. Em 1996, o Museu da Limpeza Urbana foi inaugurado no bairro Favela do Caju, e era administrado pela Companhia de Limpeza Urbana (Comlurb). E, em 2005, foi inaugurado o Museu a Céu Aberto no Morro da Providência, com o projeto desenvolvido pelo Governo do Estado.

O Museu a Céu Aberto foi criado como um roteiro turístico, localizado em algumas vielas da comunidade que possuem pontos considerados históricos para a constituição do morro. Segundo a pesquisadora Beatriz Freire-Medeiros (2006), o Museu a Céu Aberto não possuía em seu projeto a participação efetiva dos moradores do Morro da Providência, de modo que a ideia de patrimônio a ser difundido estava baseada em critérios de longevidade e autenticidade, não se preocupando com a diversidade presente na favela:

No caso da Providência, o museu corre justamente o risco de promover a favela, suas paisagens, a arquitetura, objetos e moradores, não tanto como entidades complexas no presente, mas como significantes de eventos passados. O projeto prevê o “congelamento” de barracos de madeira, vielas e becos, o que na prática significará a desapropriação de algumas casas e a compra de parte de seu mobiliário para que o turista saiba como é a moradia típica da favela (FREIRE-MEDEIROS, 2006, p. 54).

O que mobilizou os olhares para a experiência do Museu da Maré não foi, originalmente, o fato de a instituição ser erguida dentro da favela. Este museu foi organizado por seus moradores, com um acervo oriundo de suas vivências, narrando temas nas perspectivas do povo da favela, se propondo a problematizar o cotidiano e mantendo sua construção como processo contínuo. Esses são os fatores que causam a ruptura, pois desafiam a lógica do patrimônio institucionalizado onde o monumento homogêneo é o centro da narrativa. De acordo com Mario Chagas e Regina Abreu (2007), dois pesquisadores importantes na área da museologia brasileira que atuaram diretamente no processo de construção do projeto do Museu da Maré, discutir cultura em uma comunidade é visto com estranhamento por conta dos preconceitos vividos por esses espaços:

A polêmica provocada pelo Museu da Maré sublinhou um fato que mesmo sendo óbvio, frequentemente não é levado em conta, qual seja: o da favela como lugar de cultura, de memória, de política, de trabalho e não apenas como território de bala perdida ou teatro de guerra onde policiais enfrentam bandidos e bandidos enfrentam policiais (ABREU; CHAGAS, 2007, p. 134).

A característica inovadora do projeto de Museu da Maré é a construção de uma instituição de memória em que os moradores da comunidade estão no centro dos interesses, das discussões e das ações administrativas e gerenciais,

desafiando a lógica de acumulação da cultura material. Suas ações se inserem no contexto do Movimento Internacional da Museologia Social que, a partir da década de 1990, influenciou os profissionais brasileiros a buscarem novas abordagens de preservação e apresentação de suas coleções, possibilitando a expressão de diversos grupos culturais e refletindo sobre a função social e política do museu (DUARTE, 2013). A organização do Museu da Maré foi um processo de empoderamento e de mudança social, na medida em que tornou a comunidade que a rodeia mais consciente de si a partir de sua história.

Antônio Carlos Pinto Vieira (2006), gestor do CEASM e um dos fundadores do Museu, observa a ação da instituição museal após sua inauguração como um ponto de referência para a memória coletiva local, contribuindo para a construção de sentimentos de pertencimento:

Com a criação do museu, há um movimento de valorização da experiência vivida. O sentimento de pertencimento e orgulho desperta o desejo de transformação da realidade. É por isso que o Museu da Maré se propõe a não limitar-se a uma exposição, o objetivo é atingir a vida das pessoas e chamá-las a participar da construção dessa história. Se elas fazem parte do que veem e se o que veem é um momento de um processo contínuo, que elas se sintam convocadas a permanecer como agentes nesse processo, que é o processo de construção da própria vida (VIEIRA, 2006, p. 8).

Como foi possível o Museu da Maré ser inaugurado em um espaço reconhecido como lugar de violência e miséria? Como ele conseguiu completar quatorze anos de (re)existência, recebendo visitantes de todo o mundo, com o seu discurso dedicado a valorizar as experiências vividas por esses moradores? Para Huyssen (2000), desde a década de 1980, a nossa sociedade deslocou seus olhares dos futuros presentes, que não eram mais capazes de responder aos

nossos anseios, para um passado presente. Esta cultura da memória está inserida em uma temporalidade que perdeu sua estabilidade, e as práticas de memória se tornam necessárias para uma ancoragem temporal no presente cada vez mais dinâmico e comprimido.

O Museu da Maré, descrito pelo seu grupo gestor como um conjunto de ações que integram a comunidade em seu processo de desenvolvimento, utilizou as práticas de memória na exposição como forma de criar uma noção de pertencimento, uma identidade do povo da Maré, combatendo o medo e o perigo do esquecimento com estratégias de sobrevivência e rememoração desse passado (HUYSSSEN, 2000, p. 19). O esquecimento das experiências para a Maré silencia não só as vozes que lutam pelo direito a sua memória, mas também as histórias que possibilitam a coesão e a construção de vínculos entre os moradores: “o exercício desse direito, aqui e agora, é peça chave para a construção de um futuro com dignidade social” (ABREU; CHAGAS, 2007, p. 150). Muito além da prática da memória, a construção do Museu da Maré ampliou as dimensões da ideia de resistência, dando um uso político para suas memórias e invertendo permanentemente as perspectivas das construções de discurso possíveis em um espaço museal no Brasil.

O olhar sem ver a Maré

Segundo Christopher Hill: “Os historiadores se interessam pelas ideias não porque elas influenciam as sociedades, mas porque elas são reveladoras das sociedades que influenciam” (HILL, 2001, p. 35). Algumas ideias sobre como a sociedade passou a perceber o Museu da Maré são passíveis de identificação nas matérias sobre sua inauguração divulgadas pelos jornais. Quando analisamos as publicações referentes à inauguração do Museu em três jornais de grande circulação pelo país, percebemos uma ação comum entre eles: o deslocamento do protagonismo daqueles que atuaram na construção do museu

para figuras de reconhecida atuação cultural. No ano de 2006, os jornais *O Globo* do dia 04 de maio, *Folha de São Paulo* do dia 09 de maio e *Estado de São Paulo* do dia 08 de maio, publicaram notas sobre o Museu da Maré com semelhanças marcantes, como o foco no ineditismo do museu em uma favela, a figura do Ministro Gilberto Gil inaugurando o espaço, a forte ação do Ministério da Cultura para que o projeto fosse realizado e a ausência dos moradores como agentes do processo.

No jornal “O Estado de São Paulo” de 8 de maio de 2006, a matéria “Gil inaugura Museu da Maré em Favela do Rio”, a comunidade foi retirada do papel de protagonista da ação, colocando a presença do então Ministro Gilberto Gil como o agente principal na inauguração do museu em uma favela da cidade. Em outro trecho, a retirada do povo da Maré sobre as expectativas e os usos do museu também ocorre, priorizando outros públicos que não os da comunidade: “O Ministro da Cultura espera que o Museu da Maré atraia visitantes de toda a cidade, e não apenas das dezesseis comunidades do complexo” (O ESTADO ..., 2006). Em nenhum momento a ação da Maré é apresentada pela matéria, não atribuindo o trabalho de construção do museu aos responsáveis. O mesmo ocorre no jornal *O Globo* e na *Folha de São Paulo*, onde se destaca a presença do Ministro, a ação do Departamento de Museus, e as falas sobre a violência presente na comunidade: “A Violência não deve ser empecilho para a visita do complexo da Maré, segundo Ministério da Cultura” (FOLHA ..., 2006).

Enquanto a grande mídia deu enfoque à vulnerabilidade da vida na favela, no trabalho de memória havia pessoas interessadas em buscar outras narrativas possíveis para sua realidade. Alterando o eixo da memória do centro para a periferia, destituindo a cultura hegemônica do único provável de se instalar em um museu e ser preservada, o foco da ação é o contraponto, é a experiência social da comunidade que é continuamente posta a margem de uma

sociedade, e as relações possíveis criadas como base de uma identidade da Maré. E mesmo quando essa ação se consolidou na exposição, por estar fora do discurso que lhes é comum, o trabalho da comunidade ainda foi ignorada pela grande mídia, colocando os agentes na passividade do processo.

A experiência e a história no Museu da Maré

Segundo Walter Benjamin (1987), a experiência denota o conhecimento acumulado por gerações, construído em sociedade, e que nos transformam e transformam o mundo em que vivemos. Ela é transmitida por meio de fábulas, histórias, parábolas e provérbios, e a elaboração de conhecimentos entre as gerações. No entanto, na modernidade, o homem se perdeu no tempo do capitalismo, onde técnica é mais importante do que a vivência, e passou por experiências tão desmoralizantes que o fizeram perder a capacidade de narrar. O “homem” se encontra em uma pobreza de experiências por não possuir uma experiência autêntica e própria que possa ser transmitida às futuras gerações, o que nos desvincula da tradição e da história, substituindo nossas relações comunitárias pelas comerciais, e o advento da técnica sobrepondo a comunicação. De acordo com Benjamin (1987), a narrativa corre um grande risco quando as experiências são intransmissíveis:

Tudo isso esclarece a natureza da verdadeira narrativa. Ela tem sempre em si, às vezes de forma latente, uma dimensão utilitária. Essa utilidade pode consistir seja num ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou numa norma de vida – de qualquer maneira o narrador é um homem que sabe dar conselhos. Mas, se dar conselhos hoje parece tão antiquado, é porque as experiências estão deixando de ser comunicáveis (1987, p. 200).

Para que seja possível lidar com a pobreza da experiência, Benjamin (1987, p. 115) acredita que o homem moderno deve confessá-la e seguir em frente, narrando sua intransmissibilidade: “Sim, é preferível confessar que essa pobreza de experiência não é mais privada, mas de toda a humanidade. Surge assim uma nova barbárie”. O narrador deve abandonar a linguagem tecnicista e a busca por uma realidade perfeita, e trazer para suas histórias os dilemas do contemporâneo, as impossibilidades presentes nas relações humanas. Quando nos deparamos com as narrativas realizadas pelo Museu da Maré, encontramos uma discussão sobre a situação da comunidade, que não pretende fazer apenas uma descrição do que é uma favela, mas utilizar cada palavra, imagem e objeto para a transformação do espaço e da vida de seus moradores, seguindo sua própria narrativa criada a partir dos desafios enfrentados, das impossibilidades existentes e das felicidades presentes na Maré.

Algumas críticas recebidas pelo Museu da Maré estavam baseadas na chamada “glamourização da miséria”, como destaca Vieira (2006). Analisando a recepção da inauguração do espaço, Vieira percebeu que as experiências valorizadas pela instituição não eram vistas como passíveis de serem apresentadas como formas de cultura para alguns, pois incentivava a favelização ao invés de extingui-la. Um dos comentários sobre a inauguração do museu transcrito pelo autor, se mostrava enfático quanto às experiências que merecem ser transmitidas: “que lembranças terríveis são essas que as pessoas querem tanto guardar na memória. Morar em palafitas, sem rede de esgoto e inúmeras dificuldades enfrentadas” (VIEIRA, 2006, p. 2).

O que representou a narrativa das experiências vividas pela Maré em um espaço institucionalizado de memória, foi a busca dessa barbárie positiva de Walter Benjamin como um novo começo: “ela o impele a partir para frente, a começar de novo, a contentar-se com pouco, sem olhar nem para a direita, nem para a esquerda” (1987, p. 116). A exposição “Os 12 Tempos da Maré” não

pretendia voltar ao passado, mas construir um desvio por esse para alcançar outro futuro, partindo das experiências vividas pela comunidade desde a sua origem, dos desafios apresentados no presente e dos novos desejos de futuro construídos a partir da reabilitação desse passado, não se entregando a fragmentação do processo de modernidade:

O Museu da Maré é um ponto de vista, formado por múltiplos pontos de vista. Ele conta histórias e de algum modo veste a pele do narrador, ele emociona, dá conselhos, acolhe e permite que cada um puxe o fio das narrativas e projete a memória em outros tempos e espaços (ABREU; CHAGAS, 2007, p. 141).

A exposição “Os 12 tempos da Maré” aborda os ciclos e os temas que perpassam as memórias dos moradores da Maré. A experiência é formada historicamente e socialmente, e deve ser reformulada como processo, como esse passado presente de Huyssen (2000), necessário para a ancoragem temporal da comunidade, no qual as memórias são o impulso para o futuro. No texto de abertura da exposição é apresentada a escolha para a contagem do tempo: ela não se fez de forma linear, nem foi separada em datas, sua proposta foi apresentar o tempo dividido em ciclos da comunidade da Maré, em temas presentes no cotidiano dos moradores, em tempos em que o passado, o presente e o futuro convivem, tempos construídos “a partir do lugar e da vida”:

Sejam bem-vindos ao Museu da Maré! Este é o nosso museu. Ele não é um lugar para guardar objetos ou cultuar o passado. Aqui é um lugar de VIDA. Se a vida conta pelos anos, dias e horas, nos relógios e calendários, neste museu ela será contada pelos tempos, onde nada está acabado, tudo está em transformação. Passado, presente e futuro convivem nos tempos da resistência, da casa, do trabalho, da criança (MUSEU DA MARÉ, 2006).

Os tempos da água, da casa, da migração, da resistência, da festa, da fé, do cotidiano, do medo, da criança, do trabalho, da feira e do futuro nos levam por uma narrativa das vidas dos moradores da comunidade, como se cada módulo da exposição buscasse reabilitar os sujeitos submetidos ao esquecimento, reparando os erros cometidos contra eles na reinterpretação dessas histórias. Cada tempo abordado encontra em si o passado em suas histórias, o presente refletido em seu espaço e o futuro como uma questão em aberto, que pode ser respondida com a ação de cada visitante.

Um projeto muito importante desenvolvido pela equipe do Museu dentro do espaço expográfico é o “Maré de Histórias”, um trabalho de contação de histórias feito a partir das narrativas forjadas na Maré. Esse grupo faz apresentações no espaço do museu e em escolas da região, com histórias lúdicas sobre as experiências de vida da maré, difundindo a cultura da comunidade e ressignificando situações a partir da visão da Maré, como a vida em uma casa de palafita, as alternativas para a pobreza e a miséria; e a religiosidade presente em suas ruas e vielas. As apresentações dentro do museu ocorrem na varanda do destaque da exposição, a casa de palafita, preenchendo o espaço museal de narrativas próprias da favela da Maré como performances.

As experiências nos textos da exposição são narradas como coletivas, porque o processo de construção da Maré não descarta o todo, ele é feito a partir das relações entre os sujeitos, como no tempo da casa: “No domingo tem mutirão pra erguer a casa, colocar a laje (...). O trabalho transforma o lugar, recria o espaço, gera novas relações. É do trabalho que nasce a Maré” (MUSEU DA MARÉ, 2006). Não é o indivíduo que constrói a Maré, a comunidade é como um corpo que necessita de todos para construir seu futuro nessa experiência coletiva. O mutirão e as associações são suas maiores expressões, lembradas em muitos tempos da Maré, como no tempo de resistência, onde a ação organizada dos moradores se mostra essencial para a manutenção da comunidade: “Aqui,

resistir sempre foi preciso. Resistir à força da Maré, à ação da polícia, às ameaças de remoção. Os moradores se organizaram em associações, lideranças surgiram” (MUSEU DA MARÉ, 2006).

A exposição não se detém apenas na positivação das experiências vividas pela comunidade, ela também aborda o medo e a insegurança dos que lá vivem, tanto no passado narrado, no presente vivido e nas expectativas de futuro:

Quais são os nossos medos? No tempo do medo havia tábua podre, criança caindo na água, ventania, tempestades, ratos, remoções... No tempo do medo existe a bala perdida, a violência, a morte bruta... Os medos que nos assombram podem nos paralisar, tanto quanto nos motivar a lutar pela transformação da realidade (MUSEU DA MARÉ, 2006).

A exposição não pretendeu se deter no passado ou se tornar uma representação cristalizada dos processos que ocorreram. Ela propõe uma narrativa em processo, comprometida com as gerações que antecedem a nossa e com aquelas que ainda virão, misturando o passado, o presente e o futuro em busca de soluções para a comunidade. A potencialização do passado no presente da Maré se fez como resistência e arma de luta para um futuro a salvo do esquecimento: “Será a partir do hoje, do trabalho, da coragem, do engajamento, do diálogo e da tolerância (...). Será a partir da prática da cidadania. Tempo do futuro, um tempo que já começou” (MUSEU DA MARÉ, 2006).

“O Museu da Maré resiste”

Segundo Walter Benjamin (1987, p. 224), o passado é a imagem que relampeja no momento de perigo. Quando a Maré discute seu passado no Museu, ela recupera a potencialidade dessas memórias no agora, ocupando a

sua história. A maré questionou o que deve ser lembrado, a sua história foi revista como uma auto narrativa, no qual o presente atualiza o passado para possibilitar a abertura do seu futuro. Reabilitando os sujeitos fadados ao esquecimento, o Museu da Maré conseguiu redimir seu passado e citá-lo no presente, não como um passado presente sustentado numa obsessão superficial ou em uma construção mítica, como discute Huyssen (2000), mas em uma discussão sobre o lugar ocupado por seus tempos e suas memórias no presente.

Para Pollak (1989, p. 4), as memórias subterrâneas: “prosseguem seu trabalho de subversão no silêncio e de maneira quase imperceptível afloram em momentos de crise em sobressaltos bruscos e exacerbados”. A narrativa da experiência da Maré foi necessária para uma ancoragem temporal da comunidade, no fortalecimento de um sentido de coletividade, e as memórias foram impulso para o futuro. Essa narrativa estava localizada em uma sociedade onde o protagonismo da Maré, fora do contexto da violência, se encontrava no silêncio da mídia, e por isso era preciso fortalecer seus canais de construção de identidades, valorizando suas experiências. Criou-se uma narrativa sobre a impossibilidade de se acessar o mundo da Maré sem pensar nos desafios enfrentados pela comunidade, aflorando as suas memórias subterrâneas.

Apesar das dificuldades em reconhecer aqueles que tentam virar seus padrões de ponta-cabeça, o Museu da Maré, como experiência destoante que utiliza uma estrutura reconhecidamente da memória hegemônica para falar das vivências de uma favela, resiste. “O tempo da resistência ainda não acabou” (MUSEU DA MARÉ, 2006), e sua história é a reminiscência que serve como despertar das centelhas da esperança.

Referências bibliográficas

ABREU, Regina M.; CHAGAS, Mário S. Museu da Maré: memórias e narrativas a favor da dignidade social. **MUSAS- Revista Brasileira de Museus e Museologia**, Rio de Janeiro, N. 3, p. 130-152, 2007.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas- Magia e Técnica, Arte e Política**. Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CENTRO DE ESTUDOS E AÇÕES SOLIDÁRIAS DA MARÉ (CEASM). **A Maré em dados: Censo 2000**. Rio de Janeiro, 2003.

CHAGAS, Mário. Memória política e política de memória. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (org.). **Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro, DP&A, 2003, p. 136-167.

DUARTE, Alice. Nova Museologia: Os pontapés de saída de uma abordagem ainda Inovadora [online]. **Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio**. Rio de Janeiro, Vol. 6 N. 2. p. 99-117, 2013. Disponível em: <<http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/view/248/239>>. Acesso: 11 mai. 2019.

FERNANDES, Tania Maria; COSTA, Renato Gama-Rosa. As comunidades de Manguinhos na história das favelas no Rio de Janeiro [online]. **Tempo, Niterói**, v. 19, n. 34, p. 117-133, junho, 2013. DOI: <http://doi.org/10.5533/TEM-1980-542X-2013173410>. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-77042013000100010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 31 Mar. 2020.

FREIRE-MEDEIROS, Bianca. Favela como Patrimônio da Cidade? Reflexões e polêmicas acerca de dois museus [online]. **Revista Estudos Históricas**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 38, p. 49-66, jan. 2006. ISSN 2178-1494. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2266>>. Acesso em: 30 Mar. 2019.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Pela primeira vez, favela abriga museu [online]**. Folha de São Paulo, 9 de maio de 2006. Cotidiano. São Paulo, 2006, p. 6. Disponível em: <<http://feeds.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0905200624.htm>> Acesso: 23 abr. 19.

HILL, Christopher. **O mundo de ponta cabeça: ideias radicais durante a revolução inglesa de 1640**. Trad. Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Cia das letras, 2000.

HUYSSSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória**. Trad. Sergio Alcides. Rio de Janeiro: Ed. Aeroplano, 2000.

LOWY, Michael. **Walter Benjamin - aviso de incêndio: uma leitura das teses "Sobre o conceito de história"**. Trad. Wanda Nogueira Caldeira Brant. São Paulo: Boitempo, 2005.

MUSEU DA MARÉ. **Os 12 tempos da Maré (exposição)**. Rio de Janeiro: Museu da Maré, 2006.

MUSEU DA MARÉ: memórias e (re)existências. Direção: Regina Abreu; Pedro Sol. Produção: Imagine Filmes. Rio de Janeiro: Museu da Maré - Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré; Departamento de Museus e Centros Culturais - Iphan/Minc, 2008. DVD (51 min), son., color.

O ESTADO DE SÃO PAULO. **Gil inaugura Museu da Maré em favela no Rio [online]**. In: O Estado de São Paulo, 8 de maio de 2006. Geral. São Paulo, 2006, p. 5. Disponível em: <<http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,gil-inaugura-museu-da-mare-em-favela-no-rio,20060508p5982>> Acesso: 23 abr. 19.

O GLOBO. **Ministério da Cultura inaugura o primeiro museu em favelas do Rio [online]**. In: O GLOBO, 5 de maio de 2006. Globo Online. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/rio/ministerio-da-cultura-inaugura-primeiro-museu-em-favelas-do-rio-4585763>> Acesso: 23 abr. 19.

PANDOLFI, Dulce; GRYNSPAN, Mário. **A favela fala**. Rio de Janeiro, FGV, 2003.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento e Silêncio. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, Vol. 2. n. 3, 1989, p. 3-15.

SADER, Eder. **Quando novos personagens entraram em cena: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo, 1970-80**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SILVA, Cláudia Rose Ribeiro da. **Maré: a invenção de um bairro**. 2006. Dissertação (Mestrado em História Política e Bens Culturais). Fundação Getúlio Vargas, 2006. Rio de Janeiro.

VAZ, Lílian Fessler. **História dos bairros da Maré: espaço, tempo e vida cotidiana no Complexo da Maré.** UFRJ, Rio de Janeiro, 1994.

VIEIRA, Antônio Carlos Pinto. Da memória ao museu: a experiência da favela da Maré [online]. In: **Anais do XII Encontro Regional de História – ANPUH.** Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: http://www.rj.anpuh.org/conteudo/view?ID_CONTEUDO=303#creditos
Acesso: 23 abr. 19.

Recebido em fevereiro de 2020.

Aprovado em abril de 2020.